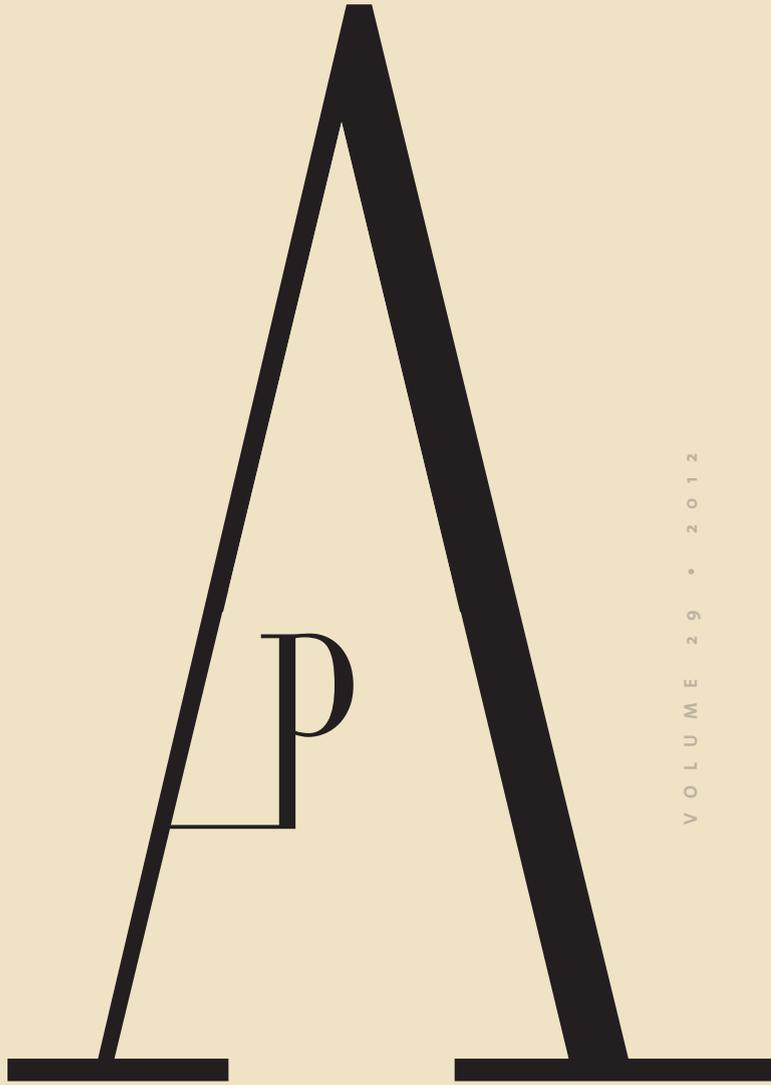


ANTROPOLOGIA
PORTUGUESA



ANTHROPOLOGY
AND HEALTH

VOLUME 29 • 2012

CENTRO DE
INVESTIGAÇÃO
EM ANTROPOLOGIA
E SAÚDE
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

Il Maestro del Sonno Eterno

221

Recensões

Piombino-Mascali, Dario. 2009. *Il Maestro del Sonno Eterno*. Palermo, La Zisa.
ISBN: 978-88-95709-52-9, 126 pp., 12,00€

É por demais conhecida a decisiva advertência inscrita no livro do Génesis, «Homem, és pó e em pó te tornarás». Felizmente para aqueles que estudam os restos mortais de mulheres e homens, a realidade não observa de forma cega todos os dogmas bíblicos – é por isso que chegam às bancadas dos laboratórios de osteologia, intocados pelo menosprezo do tempo, tantos restos mortais humanos cuja natureza pode ser imprecisamente demarcada e classificada por intermédio daquilo a que, de forma prosaica, chamamos «esqueletos» e «múmias». Tanto estas como aqueles são testemunhas de um tempo bipolar

– o que foi e o que é – construído sobre observações, comentários, interpretações e esquecimentos. O mutismo solidário dessas testemunhas excita a velha utopia do retorno *ao que foi*: abre trilhos para o irrecuperável, e rasga o véu da morte. Num laboratório de osteologia facilmente floresce a alegoria da ressurreição, embora tal vocação seja excêntrica, e mesmo inconveniente.

Il Maestro del Sonno Eterno não versa, decerto, sobre a ressurreição (a vida depois da morte) mas sobre algo mais prosaico: descreve em contexto cultural concreto um modo de fuga da morte – ou uma experiência nada tosca de resis-

tir à morte. O livro é, antes de mais, sobre a venerável arte do embalsamento – um milagre de retenção de memórias culturais e biológicas que perpassa indiscriminadamente as eras e a geografia. A história desta «arte milenária», que permite conservar os corpos humanos através de expedientes artificiais, é recuperada por Dario Piombino-Mascali, de forma breve mas profícua, relevando a sua cronografia em contexto europeu – felizmente, porque afasta de vez a ideia tão vulgar de que apenas os antigos egípcios praticavam os desígnios inauditos de tal «arte».

O autor deste pequeno livro é antropólogo, investigador da *Accademia Europea di Bolzano* (EURAC), bolseiro da *National Geographic Society* e membro honorário da *American Society of Embalmers*. Desde cedo ligado ao estudo de múmias humanas, Piombino-Mascali é o responsável pelo projecto «Mummie Siciliane». Significativamente, o livro começa com uma descrição enlevada das *Catacombe dei Cappuccini*, em Palermo, Itália. Afinal, o autor é siciliano, é natural que pense nos seus antepassados (já que tão perto está da sua sombra: a inescapável dimensão borgesiana da memória). Por outro lado, as *Catacombe* constituem um precioso, mas relativamente pouco conhecido, arquivo histórico e biológico da sociedade palermítana no longo período compreendido entre os séculos XVI e XX. Os frades Ca-

puchinhos estabeleceram-se na cidade de Palermo em 1534. Durante alguns anos foram proibidas as inumações no interior da igreja (Santa Maria della Pace) ocupada pelos frades, exceptuado-se os sepultamentos de Francesco d'Avalos, em 1570, e de Giacomo lo Tignuso, em 1597. As *Catacombe dei Cappuccini* surgiram, durante esse período, da necessidade de consagrar um espaço funerário que abrigasse os corpos dos religiosos mortos. Hoje, as catacumbas são uma fantasmagoria codificada em pontos discretos de lucidez perturbadora: dois mil corpos mumificados, aquietados e em posição vertical (a maioria), conservando não só a aparência humana mas também o bipedismo que, sabemos-lo bem, separa como um *rift* intransponível os humanos das bestas, glorificando aqueles e diminuindo estas. A história pode ser um espectáculo demoníaco, na expressão paradigmática de George Steiner, mas é também um espectáculo pedagógico.

Como é lógico supor, o livro encorpa com a biografia de Alfredo Salafia (1869-1933), o embalsamador siciliano que concebeu um processo de conservação permanente dos tecidos moles para dissecação e preparação fúnebre, o lendário «Método de Salafia». As experiências primordiais de Salafia, como taxidermista, revelaram uma vocação apropriada às minudências do embalsamamento. De facto, a obra de Salafia não existiria sem

essa dupla tessitura, científica e artística, que qualifica o embalsamador excepcional. A invulgar capacidade de Salafia para proteger os mortos do abuso do tempo decorreu, também, do triunfo do seu processo de embalsamamento. Caracterizado por uma simplicidade extrema, o método consistia em uma única injeção intravascular de quinze galões de fluído conservativo. A fórmula foi mantida em segredo durante décadas, tendo sido redescoberta há poucos anos por Piombino-Mascali num manuscrito inédito, intitulado «Nuovo metodo speciale per la conservazione del cadavere umano intero allo stato permanentemente fresco». A finura e a destreza de Salafia expressam-se bem nessa fórmula, cujos resultados eram espantosos: os corpos apresentavam-se com uma expressão plácida e natural, em tudo similar à de um indivíduo vivo. Quase nos persuadimos que àquelas múmias só lhes «faltava falar».

A aptidão extraordinária de Alfredo Salafia foi cooptada por uma certa burguesia opulenta, bem como pelas famílias mais tradicionais de Palermo, que desse modo reservavam os corpos dos seus mortos para um desejado *mais tarde*. O início do século XX pertenceu por inteiro ao embalsamador palermitano, honrado pelos trabalhos que executou sobre os cadáveres de cidadãos proeminentes, incluindo o Cardeal Michelangelo Celesia, o senador Giacomo Armò, o

etnólogo Giuseppe Pitrè e o advogado Alessandro Nasta. O talento de Salafia extravasou rapidamente a pequena ilha mediterrânica e, em 1910, o embalsamador estabeleceu-se em Nova Iorque, onde criou uma companhia de serviços de embalsamamento. Alfredo Salafia morreu em 1933, em chão pátrio, tendo sido sepultado no histórico Cemitério di Santa Maria di Gesù. Do seu corpo não restam mais que alguns fragmentos ósseos: os deuses amam sobretudo a ironia.

Este livro ajeita sobre as reminiscências do mestre do sono eterno, Alfredo Salafia, mas é a sombra de Rosalia Lucia Giuseppa Maria Lombardo (1918-1920) que mais pesa sobre as suas páginas. Rosalia Lombardo não é apenas uma silhueta onde antes havia carne e odor de gente, ou uma sombra na escuridão; Rosalia, derrubada por uma broncopneumonia a poucos dias de completar dois anos de idade, é uma criança que dorme. As fotografias que acompanham o texto são as provas insuspeitas de nove décadas de incorruptibilidade, da espantosa resiliência do *magnum opus* de Salafia. A múmia de Rosalia Lombardo é, em simultâneo, um argumento metonímico e uma promessa teológica que suporta, de algum modo, a prossecução da vida após a morte. Os mitos da ressurreição não são facilmente descartáveis.

O tom geral deste *Il Maestro del Sonno Eterno* é o da *eulogy* (o elogio fúnebre), como não poderia deixar de ser;

contudo, o livro revela muito mais que o fascínio académico por um cientista/artista de excepção. Apresenta-nos uma realidade onde não se vive como se o mundo fosse acabar amanhã.

224

Francisco Curate

Centro de Investigação
em Antropologia e Saúde (CIAS),
Departamento de Ciências da Vida,
Universidade de Coimbra, Portugal

Centro de Ciências Forenses,
Instituto Nacional
de Medicina Legal, Portugal

f_curate@yahoo.com